



TERRITÓRIOS CULTURAIS EM DISPUTA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: A MUSEOLOGIA EXPERIMENTAL E O ACESSO A VALORIZAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS CULTURAIS EM MANGUINHOS

MARCELA MARIA FREIRE SANCHES¹

RESUMO

O artigo investiga as iniciativas recentes (2005-2016) de valorização dos patrimônios culturais por meio da musealização no bairro de Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro, mapeia os processos de negociações e as disputas envolvidas na produção colaborativa e na popularização de conhecimentos sociais. A pesquisa, balizada na ideia de Museologia Experimental, se constrói na interface entre a História, a Museologia e a Antropologia, fazendo uso de métodos sincrônicos e diacrônicos para identificar, em sua complexidade social, os diferentes atores da rede de negociações que constituem os territórios culturais de Manguinhos.

Propomos que a Museologia Experimental seja entendida como um método empírico para a compreensão de processos museais baseados na experimentação social, que deriva de uma teoria reflexiva voltada para a investigação dos sujeitos/atores envolvidos no processo social da musealização no território de Manguinhos, e logo comprometida com um posicionamento crítico sobre a produção de valores museais mediados pela expertise cultural (TORNATORE, 1998).

No caso estudado do território de Manguinhos, a metodologia da Museologia Experimental permite observar o envolvimento dos grupos socialmente vulnerabilizados em seus próprios processos de elaboração de sentido e reflexão crítica sobre o tempo presente. O território ao qual nos referimos nesta pesquisa está marcado pelo estigma da violência que atravessa as favelas no Rio de Janeiro, construídas socialmente como gueto onde se dissemina a descrença nas instituições públicas (WACQUANT, 1997). Diante desse cenário de vulnerabilidade social foram criadas estratégias de sobrevivência e

¹ Pesquisadora no Laboratório de Museologia Experimental e Imagem, LAMEI, na UNIRIO; Doutoranda em Museologia e Patrimônio na UNIRIO; Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância na UNIRIO; Professora de História da Rede Estadual do Rio de Janeiro.



resistência dos moradores e articuladores locais tanto com organizações não governamentais quanto com instituições públicas como Fundação Oswaldo Cruz.

A proposta de exposição itinerante visando articular e registrar os patrimônios culturais locais em redes, pensada em 2011, intitulada “Manguinhos: Território em transe”, objetivou contribuir com os processos individuais e coletivos de busca da autonomia (FREIRE,1989) e desenvolvimento do potencial criador humano dos seus visitantes, e particularmente dos moradores do território. A exposição, analisada criticamente no presente estudo, foi o resultado de negociações, desde 2005, entre os idealizadores do Ecomuseu de Manguinhos, a Cooperação Social e o Museu da Vida / FIOCRUZ, envolvendo os diferentes atores dos principais movimentos sociais locais.

A partir das iniciativas comunitárias e interinstitucionais analisadas, a performance da favela é construída simultaneamente dentro e fora dela no espaço complexo da cidade. Mas em que medida a musealização do território tem impacto positivo na imagem criada de dentro para fora?

1.Introdução

A pesquisa parte da metodologia de onde falo² e sobre o que pesquiso. A partir das lentes da Museologia compreendo novos processos - como a musealização³, os modelos conceituais dos museus e a metodologia da Museologia Experimental⁴ - para além das contribuições do campo da História, Educação e da Memória Social. Como toda a construção do conhecimento parte de um posicionamento reflexivo, pertencço a escola

² A partir do acúmulo das experiências enquanto educadora e historiadora do museu de ciências que atuava no território de Manguinhos, e após dez anos de atuação parte para academia problematizando as experiências vivenciadas, e as relações de poder, as seleções de memórias, os discursos narrativos da representação social do território de Manguinhos. A pesquisa que será apresentada a seguir parte também da experiência de ter sido durante 20 anos moradora de um território de periferia sem aparelhos culturais da cidade do Rio de Janeiro e professora de História e Filosofia, no Parque Flora em Nova Iguaçu.

³ Musealização é um processo científico para além do museu, que envolve a preservação (gestão, seleção, aquisição o, conservação), pesquisa (catalogação) comunicação (atividades educativas, expositivas, publicações) .HISTÓRIA DA MUSEOLOGIA,2017.(on line)

⁴ A proposta teórico metodológica da Museologia Experimental é compreender as experiências museais fundamentada na relação da “ experiência humana com o território, ou espaço socialmente construído”. – A Museologia Experimental é um olhar contemporâneo da Museologia para as novas práticas sociais do final do século XX e início do século XXI (BRULON;2017). Não trata-se apenas de ser uma Museologia vista da perspectiva popular, ou, suleada (na perspectiva do Boaventura), mas considera a desconstrução (necessária) dos modelos hegemônicos como ponto vital para o museu ser compreendido como instrumento de transformações sociais (ideia da metáfora do museu escudo – o museu que deve ser usado pela população como ferramenta de luta para avançar na disputa da conquista/ e permanência dos direitos humanos).



da Pedagogia Crítico social do Conteúdo, como bem elucidou ontem à noite em sua palestra a professora Diva, pertença a Escola com Partido - pela Liberdade e Autonomia Crítica do sujeito. O presente artigo é um pequeno recorte da pesquisa-tese em andamento⁵ e em paralelo da pesquisa embrionária desenvolvida no Laboratório de Pesquisa da Museologia Experimental da UNIRIO⁶.

A proposta da reflexão em tela é investigar as iniciativas recentes (2005-2017) de valorização dos patrimônios culturais por meio da musealização no bairro de Manguinhos, na cidade do RJ, mapeando os processos de negociações e as disputas envolvidas na produção colaborativa dos conhecimentos e dos patrimônios culturais integrais – eles apresentam-se em lugares de memória considerados estigmatizados pela violência e ausência dos direitos humanos nas favelas que compõe o “território de Manguinhos⁷”.

Os patrimônios culturais de Manguinhos são apresentados, valorizados e popularizados a partir da Exposição Manguinhos Território em Transe (criada a partir da parceria entre a Rede CCAP/Ecomuseu de Manguinhos e a Cooperação Social da Fiocruz) e torna-se itinerante pelo complexo das favelas de Manguinhos através da mediação do Grupo de Ações Territorializadas do Serviço de Visitação do Museu da Vida/FIOCRUZ. Para além da História de Manguinhos, as memórias de luta e resistência dos moradores são evocadas.

Além disso, o artigo se propõe a discutir as iniciativas recentes de musealização do patrimônio cultural na comunidade de Manguinhos, no Rio de Janeiro, mapeando os processos de negociações e as disputas envolvidas na produção colaborativa a partir da metodologia da museologia experimental - que envolve grupos socialmente vulnerabilizados em seus próprios processos de elaboração de sentido e reflexão crítica sobre o presente.

2.A musealização da vulnerabilidade

Manguinhos das enchentes

⁵ Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio/UNIRIO sob orientação da professora Teresa Scheiner.

⁶ Sob supervisão do professor Bruno Brulon.

⁷ Categoria nativa de enunciação.



Que me tirava da cama

Para esconder em outro lugar

Luz fraca, água carregada

Nada disso importava

Em Manguinhos viemos morar

(Poetisa Maria Celeste, 2003)⁸

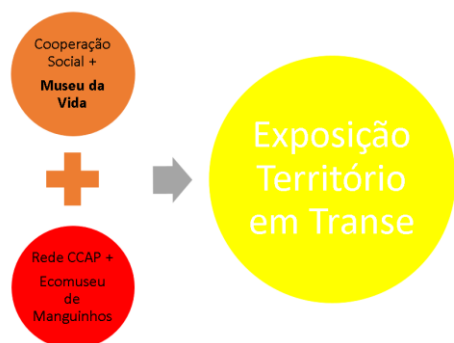
A partir de dados do censo IBGE (2000), do censo PAC Manguinhos (2009), elaborado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro e da taxa média anual de crescimento populacional estipulada para o bairro, o ETM/ENSP aponta hoje para, aproximadamente, 40 mil pessoas residindo no bairro de Manguinhos. Registrando, atualmente, o quinto pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município do Rio de Janeiro, o bairro de Manguinhos é a representação da desigualdade brasileira. O bairro de Manguinhos foi demarcado a partir do Decreto municipal, nº 7.980 de 1988, que delimita o bairro de Manguinhos e considera as favelas como parte integrantes. O bairro de Manguinhos é constituído pelo complexo das 12 favelas, são elas: 1. Parque Oswaldo Cruz/Amorim (1904); 2. Parque Carlos Chagas/ Varginha (1941); 3 Parque João Goulart (1951); 4 Vila Turismo (1951); 5. Centros de Habitação Provisórias, C.H.Ps (1951); 6 Vila União (1955); 7. Conjunto Nelson Mandela (1990); 8 Conjunto Samora Machel (1991); 9. Mandela de Pedra/Mandela II (1995); 10. Samora II/Embratel (2001); 11. Nova Mandela (2005); 12. Vila União (2012); (FERNANDES, Tania; COSTA, Renato; 2009, pág.169).

No censo de 2010 aparece, na tabela de número 2248, o Índice de Desenvolvimento Social (IDS) das favelas. Na lista consta a existência, no Município do Rio de Janeiro, de 833 favelas e 160 bairros. Destacamos as posições ocupadas pelas favelas geograficamente mais próximas à FIOCRUZ: 1. Parque Carlos Chagas (Varginha) ocupa 98º lugar; 2. Parque João Goulart - 110º lugar; 3. Parque Oswaldo Cruz (Amorim) - 101º lugar; 4. Vila Turismo - 112º lugar. – Interessante problematizarmos: qual a importância dos dados do IBGE? É que apesar de toda articulação dos moradores e dos respectivos movimentos sociais buscando parcerias com os órgãos federais (FIOCRUZ), estaduais (Biblioteca Parque de Manguinhos) e municipais (clínicas da família) Manguinhos não ocupa a escala inicial do IDS.

⁸ Poema disponível no site conhecendo.manguinhos.fiocruz.br

Sociedade e Musealização

Redes do processo de Musealização



Fonte: Autoria

Fronteiras dos patrimônios



Figura 1. Desenho ilustrativo da distribuição das Comunidades de Manguinhos em 2013.

Fonte: Conhecendo

Manguinhos/FIOCRUZ.

A combinação entre restrições materiais essenciais, implementação de políticas públicas caracterizadas por paternalismo e criminalização do território, e violência exercida por instituições dotadas de amplo instrumental bélico, que marca diretamente o território de Manguinhos que convivem com desrespeito cotidiano aos direitos humanos. Esse cenário é identificado por muitos como um lugar marcado pela ausência de direitos, de dignidade e habitado por pessoas indignas— ao contrário do que deveria ser um lugar de luta pelos direitos.

O território ao qual nos referimos na presente pesquisa está marcado pelo estigma que paira sobre as favelas no Rio de Janeiro, que em Manguinhos não é diferente, do gueto onde predomina a pobreza criminalizada, a cultura da apatia política, a descrença nas instituições públicas e, o que nos parece igualmente grave, a dissolução de perspectivas de transformação real no território por parte dos moradores (verificação constatada pelos idealizadores da Exposição Território em Transe nas entrevistas com estudantes do PEJA-Manguinhos ao largo de seis anos). Esse olhar que “condena” o



território de favelas é presente dentro do próprio, mas é exercido com mais violência pela parte de fora: a produção midiática⁹ sobre Manguinhos, o preconceito com quem lá mora (muito relatado por moradores quando estão em busca de trabalho) e a circulação limitada por barreiras visíveis e invisíveis, impedindo o ir e vir não só de moradores, como também de trocas de experiências de outra ordem – desconstrução do preconceito é a questão que precisamos disputar no território. Para Walter Benjamin(1988) a pobreza da troca de experiências da modernidade é uma tônica, e o autor questiona “quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?”- As histórias e memórias de Manguinhos que são apagadas pela violência cotidiana no território, e pela repetição da informação de Manguinhos como lugar de conflito. A discussão que Benjamin realiza e nós interessa, quando indaga: “ Pois, qual é o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais vincula a nós?”.(BENJAMIM,p.115) Isto é, de que nós estamos abordando, o nós construído na luta coletiva pelo direito a paz nas favelas? – O autor trata do contexto europeu, pós II Guerra Mundial em que as experiências mais “radicalmente desmoralizantes [...] pelas guerras das trincheiras, experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes”. Quase cem anos depois, em 2017, na América Latina, em Manguinhos vivemos a guerrilha urbana da polícia com os caveirões transformados as ruas e vielas das favelas em palco de guerra com bombas e rajadas de metralhadoras, o retorno dos moradores de rua debaixo da estação de trem de Manguinhos e o (des) governo estadual e municipal fechando bibliotecas, escolas e postos de saúde.

De acordo com o articulador do Ecomuseu de Manguinhos, Felipe Eugênio trata-se de ocupar com outras representações o território, e isto se dará, efetivamente, na construção da história e dos patrimônios culturais que valorize as lutas e avanços do processo de ocupação em Manguinhos proporcionou. O público está em Manguinhos: protagonistas dessa história. Mas também está fora de Manguinhos; aqueles que lêem o território da favela de fora dela, colocando-a apartada da cidade, ou de um tipo de cidade(PINHA;SANTOS;2012).

A performance da favela é construída simultaneamente dentro e fora dela. Aqueles que a vivem são também os que a encenam em sua violência real e midiaticizada. Mas em

⁹ Conforme a entrevista concedida ao projeto pelo articulador Felipe Eugenio do Ecomuseu de Manguinhos em junho de 2016.



que medida a musealização do território – ou sua ecomusealização, (para pensar)no sentido de envolver os seus habitantes – tem impacto positivo na imagem criada de dentro para fora? Em que medida os museus que atuam na favela, dentro e fora dela, representam os interesses daqueles que nela vivem e são impactados pela real condição que esse território específico lhes impõe? Lembrando que os processos de musealização envolvem uma cadeia operatória conforme descrito por Stranstky... e Mairesse (informações disponíveis no site História da Museologia) Como o conceito originário da Museologia contribui para os estudos dos patrimônios culturais no campo da História?

3.Expor a favela e expor na favela: a exposição “Território em Transe” e a construção de uma imagem coletiva de Manguinhos

A memória é uma ilha de edição
(Wally Salomão)

A proposta de exposição itinerante visa registrar e popularizar os patrimônios (materiais, imateriais) locais em redes, pensada em 2012 por meio de uma parceria entre o Ecomuseu de Manguinhos e o Museu da Vida / FIOCRUZ, representou o processo de pensar a favela dentro de um enquadramento reflexivo e colaborativo, cujos atores foram selecionados após terem se dado as negociações institucionais. A experiência da exposição itinerante “Manguinhos: Território em transe”, expressão da proposta política, histórica, educativa e cultural, entre outras coisas, objetivou contribuir nos processos individuais e coletivos de busca da autonomia e desenvolvimento do potencial criador humano e coletivo, dos seus visitantes e particularmente dos moradores do território de Manguinhos.

Para tanto, optou-se por construir a sua itinerância como uma metodologia colaborativa que permita a sua realização enquanto uma tecnologia social, firmando uma relação de prática social de caráter educativo e cultural com diversos sujeitos sociais do território de Manguinhos .Compreendemos tecnologia social¹⁰ como qualquer aparelho, artefato, método ou técnica que possua entre suas características:a. O desenvolvimento

¹⁰ Conceito base da economia solidária. O termo tecnologia social criado por Dagninino. Na I Encontro de Co-Curadoria com Participação Social promovido pelo historiador Alessandro Batista, em setembro de 2017, no Museu da Vida.



de um pleno processo de participação social, onde os atores sociais em interação na atividade não apenas executem tarefas, mas as elaborem e participem da reflexão de todo o seu decurso antes, durante e depois da atividade em si; b. Colaboração no processo de transformação social da realidade que cerca os envolvidos; Possibilidade de ser replicado e reproduzido em qualquer outro território em condições socioambientais similares ao de sua origem. O Brasil marcado pela desigualdade social e considerando a diversidade cultural e de experiências sociais no território vulnerabilizado de Manguinhos, chama a atenção a concepção da itinerância da exposição “Manguinhos: Território em transe” como tecnologia social que colabore no processo para transformação da realidade potencializando a autonomia de uma parcela significativa da população normalmente discriminada e sem oportunidade de participação social. A presente exposição procura com seu enfoque histórico-crítico orientada pelo problema anteriormente apresentado, mesmo que de maneira breve, contribuir para elaboração de políticas públicas que atendam territórios socialmente vulnerabilizados. A proposta pedagógica é baseada na Pedagogia da Autonomia em que no processo da escuta, do diálogo e do afeto é tecido os conhecimentos. Conforme o primeiro coletivo de pesquisa e construção da proposta do ecomuseu os debates iniciaram dentro das aulas da Educação de Jovens e Adultos no território de Manguinhos e depois durante “encontros ecomuseais” na Biblioteca Parque de Manguinhos. De acordo com o projeto aprovado e fomentado¹¹ da Exposição pela Fiocruz a proposta é “estabelecer o movimento de intercâmbio entre atores culturais locais e daí a emersão de signos que positivem o território, em tempo, aqueles que têm como marca a solidariedade, a criatividade”.(FIOCRUZ,2012)

4.A (eco)musealização do território: patrimônios registrados na e pela favela

É possível concluir que o que levou o ecomuseu a se espalhar pelo mundo no final do século XX e ainda no presente, não foi o seu entendimento como um modelo, mas sim a aplicação em diferentes contextos sociais de uma nova concepção do processo de valorização do patrimônio. Esta reinterpretação do ecomuseu em países periféricos como o Brasil, permitiu o seu uso como um serviço museológico eficaz nos processos de

¹¹ Projeto escrito pelos historiadores da Cooperação Social Daniel Pinha, Felipe Eugenio do Ecomuseu e Alessandro Batista do Museu da Vida.



revalorização de grupos marginalizados e como instrumento de luta política usado pelos grupos para desestabilizar posições hegemônicas a partir da institucionalização de novos “regimes de qualificação”.

A nova museologia foi, com efeito, um fenômeno histórico que atuou como a expressão de uma mudança prática no papel social dos museus. É também uma estruturação de valores, ou seja, qualquer coisa de mais subjetivo, mas que pode relativamente objetivada pela análise das ações e do discurso dos seus principais atores e idealizadores. Para Maure (1995), ela é a expressão de uma ideologia específica. O ‘novo museu’ proposto como a sua principal forma de expressão se mostrou, por um lado, como um instrumento eficaz de mudança de valores, e, por outro, como uma estrutura passível de ser apropriada pelos idealizadores das mudanças propostas, para o seu benefício tanto quanto para o benefício dos grupos sociais envolvidos.

Os primeiros ecomuseus foram criados como estruturas maleáveis sujeitas a transformações no tempo de acordo com a evolução das sociedades e as transformações necessárias do fazer museológico. A maior ruptura que se deu com a experiência do *Écomusée du Creusot* não foi com os modelos de museus anteriores, mas na invenção de um ‘não-modelo’ do museu que pode ser aplicado a diversos contextos sociais, tomando as formas e os contornos que desejam as pessoas que habitam o espaço do ecomuseu. Neste sentido, ainda que pareça contraditório sem ser, o ecomuseu, um tipo de museu local, é hoje um museu globalizado, pois se espalhou pelo mundo, assumindo formas distintas mas sem se reproduzir como um modelo acabado.

Na maior parte dos contextos em que foi colocado em prática, o ecomuseu levantou questões sobre o próprio fazer museológico. Tais questões levaram ao pensamento crítico sobre os processos de avaliação realizados pelos museus ao selecionarem certos objetos como patrimônio. Ao engendrar novos regimes de atribuição de valor, ou de valoração, o ecomuseu deflagra a arbitrariedade das escolhas sobre o patrimônio pelos museus, a implicação das emoções patrimoniais e tudo aquilo que há de subjetivo na seleção dita ‘oficial’ colocada em prática pelos museus tradicionais. Mais do que inverter a lógica dos regimes de qualificação, ao evidenciar que estes são construídos socialmente, o ecomuseu torna visível a *gramática museal* como uma *gramática axiológica*. A atribuição dos valores deve ser questionada dentro do coletivo social que institui o ecomuseu. Como exemplo no documentário Colcha de Memórias do Ecomuseu



de Manguinhos os moradores das favelas de Manguinhos, mas quem autorizou a edição final do vídeo? O critério de articulação e antiguidade no território?

O Ecomuseu de Manguinhos criado em 2008 é consequência ¹² das ações da Rede CCAP¹³ no território de Manguinhos, a partir dos desdobramentos sociais ocorridos, principalmente oriundos das políticas públicas na área do Programa de Aceleração do Crescimento, PAC, e Segurança pública. De acordo com o site da RedeCCAP, o Ecomuseu foi criado:

[...] dentro das salas de aula do PEJA Manguinhos. Nasce das discussões de moradores de Manguinhos e Jacaré sobre identidade local. A proposta do Ecomuseu veio para lidar com dois aspectos: reconstruir uma narrativa histórica sob a perspectiva dos moradores e re significar o universo simbólico que deriva da expressão “Complexo de Manguinhos”. (site ecomuseu, s/d)

TRAJETÓRIA DO ECOMUSEU

Ecomuseu de Manguinhos, um catalisador das culturas locais?



Fonte: Pesquisa de campo da autora

5.A autoridade cultural e a construção coletiva da musealização

¹² Mantido a partir das parecerias do ponto de cultura do Estado do Rio de Janeiro e FIOCRUZ.

¹³ É uma rede de empreendimentos criada na Vila Turismo na década de 80, com ações que fomentava o desenvolvimento local, como as ações de segurança alimentar, escola de música, creche, PEJA..Oficina de Arte Portinari. Em 2003 tornou-se OSCIP, Organização da Sociedade Civil de Interesse público. Maiores detalhes consultar o seu site < http://redeccap.org.br/?page_id=38 >



A questão da autoridade é estrutural para ecomuseus e museus comunitários e ela é definidora dos sistemas de crença que irão se estabelecer nos grupos. Tendo sido desconstruído o mito da autoridade distribuída ou da democratização das práticas, o que se observa na maioria dos projetos comunitários é uma demanda por lideranças. Em geral, aqueles que desenvolvem algum tipo de trabalho cuja autoria é coletiva, antes de se perceberem como “autores” tentam identificar “quem está coordenando o trabalho”. Isso abre espaço para que as lideranças não estabelecidas, de dentro ou de fora do grupo, se estabeleçam. Ao mesmo tempo em que as pessoas esperam tutela, o “líder” pode ser cobrado. Sendo assim, se as relações comunitárias se estabelecem a partir de relações de poder bem definidas, quem *sustenta* o trabalho museológico nos ecomuseus? O próprio público local, moradores, que são produtores e consumidores dos seus patrimônios? No caso de estudo da pesquisa tese em andamento observamos que a ong Rede CCAP, e em seguida o Ecomuseu de Manguinhos produziram interlocutores externos e internos potencializando os moradores a serem os próprios carpinteiros dos seus patrimônios culturais. Concordamos com o argumento de Chuva, quando nos oferece a reflexão acerca do patrimônio cultural integral que demandará que os vestígios apontados sejam “problematizados estimulando a investigação de maior folego sobre a política cultural nos dias de hoje [...] em que a perspectiva histórica é um dos caminhos” (CHUVA;2012, P.164).

A autoridade inicial vem de quem tem autoridade para mobilizar – de dentro ou de fora do grupo. Mas se o desenvolvimento é coletivo, quem estabelece a direção e os parâmetros da sustentabilidade? Muitos grupos se fragilizam a partir do contato com lideranças externas autorizadas por uma expertise científica legitimada na academia. A autoridade das lideranças locais é ameaçada pela autoridade científica, o que torna o grupo sujeito a se fragmentar ou a perder a força inicial do projeto comunitário.

Década de 1980 – desenvolvimento dos primeiros trabalhos de História Cultural. A redefinição do conceito de cultura que deixa de ser percebido como um somatório de bens materiais e simbólicos mas um conjunto de mentalidades e visões de mundo. Uma aproximação íntima da antropologia, da sociologia e da história cultural em paralelo aos movimentos sociais. Década de 1990 – o conceito de ecomuseu chega ao Brasil, o



aparecimento de uma “vontade de museu” em grupos das periferias, que teria mais ênfase nos anos 2000 e com o boom dos museus de favelas (BRULON;2017).

A autoridade inicial vem de quem tem autoridade para mobilizar e articular um coletivo de pessoas, independente do contexto social.

6.A cooptação dos agentes institucionais

Com uma rede de poder estabelecida e demandas sociais explícitas, o trabalho dos grupos, mediado pelos especialistas é facilmente cooptado por diferentes agentes institucionais, sendo o Estado (categoria mais ampla) o principal deles. Como consequência da metodologia própria imposta pelo Estado¹⁴, muitos grupos paralisam as suas atividades ou são levados a redirecionarem as suas demandas para as ações previamente propostas como exequíveis e ‘primordiais’ para o “desenvolvimento” coletivo.

A luta constante por legitimação leva os grupos a aderirem aos programas disponíveis, e a se adequarem a normas predeterminadas que constituem o “padrão”. As comunidades – os distintivos culturais e as demandas sociais do grupo – são formatadas na medida do que o Estado deseja fomentar. A luta que leva à submissão do museu ‘que não segue a um modelo’ aos moldes pré-determinados pelo Estado é uma luta para que esses museus tenham “os mesmos direitos de todos os museus clássicos” mesmo estando às margens das museologias tradicionais.

A questão da tutela, que está impregnada nos museus comunitários do mundo contemporâneo – silencia “a comunidade”, paralisa, ao menos em parte, as suas ações. O Estado coloca portas e fechaduras onde o grupo constrói os seus principais corredores de comunicação interna, e, logo, a presença externa autorizada traz consigo, de forma avassaladora e inevitável a postura insustentável daquele que vem “endireitar” o subalterno. Rapidamente o ser externo passa a dizer “você entra e você não”. “Você está descalço, então não pode entrar”.

¹⁴ No caso do Brasil por meio de editais de fomento, por exemplo, com metodologias bastante específicas que abarcam projetos variados.



A cultura popular é anônima. O coletivo acaba por ficar sem nome. Por que? Se o coletivo possui uma colmeia de nomes. Qual a necessidade de silenciar as pluralidades, as diferenças? – a necessidade contínua de homogeneizar.

Diante dos processos de valorização dos patrimônios locais em Manguinhos mediante a musealização consideramos que a “autoridade” para ecomuseus e museus comunitários é fundamental. Os processos de cooptação dos articuladores da “autoridade” através das ações em comum, comunitárias para a melhoria do lugar, vide a mobilização para 5º Caminhada em Manguinhos pedindo PAZ, no território – há como elemento estruturante nas relações das experiências comunitárias das favelas e periferias a solidariedade, o desejo de partilha do bem comum.

Com o passar do tempo, e ao se desenvolverem experiências baseadas nas mais variadas interpretações do conceito de ecomuseu, esse tipo de instituição “fora de moldes” se caracterizou pelo desafio de conciliar o “fazer museu” das comunidades ao “fazer museu” do especialista ou museólogo (mais particularmente no caso brasileiro). Esse museu de mediações socioculturais evidencia o fato de que a qualificação patrimonial – que transforma qualquer objeto em obra – se sustenta sobre um julgamento de expertise¹⁵ que é simultaneamente científico e comunitário, e que constantemente deve ser autenticado pelo Estado – a partir da tutela do Estado, ao subsidiar via fomento ações comunicativas nos supracitados museus.

7.A Museologia experimental e o território cultural

A Museologia Experimental pode ser definida como o ramo da Museologia que se desenvolveu internacionalmente depois dos anos 1970, entendendo os museus como processos sociais baseados na experiência humana sobre um dado território ou espaço socialmente construído. Ela tem a sua origem no movimento da Nova Museologia, e mais particularmente na associação que o precedeu na França, intitulada Museologia (nova) e Experimentação social, datando de 1982.

¹⁵ TORNATORE, Jean-Louis. *L'ethnologue et les musées : l'ethnologie comme expertise culturelle*. Communication présentée à la Commission permanente de la Mission du patrimoine ethnologique, 26 mai 1998. Texto datilografado.



Atualmente, propomos que a Museologia Experimental seja entendida como um método empírico para o desenvolvimento de experiências museais baseadas na experimentação social. Ela decorre de uma teoria reflexiva, ou *metamuseologia*, voltada para a investigação de todos os atores envolvidos no processo social da musealização, e logo comprometida com um posicionamento crítico sobre a produção de valores museais, ou musealidade. Ela entende a mudança e o processo como objeto central da prática museal, e está, logo, menos comprometida com os produtos e sua preservação estática inalcançável.

Podendo ser pensada como uma via metodológica para trabalhos de pesquisa em Museologia, a experimentação social permite abordagens que vão da prática à teoria e da teoria à prática, implicando tanto em métodos sincrônicos quanto nos diacrônicos para a percepção integral dos fenômenos museais.

A proposta da Museologia Experimental é ser a interlocutora na relação entre os processos de musealização entre os produtores e consumidores das culturas locais – os atores dessa produção e consumação dos patrimônios pode ser dar na relação entre os próprios moradores, ou na relação dos museus de Manguinhos e os seu público local. A ideia de cogestão dos patrimônios culturais das favelas de Manguinhos pela mão dos seus próprio moradores, e a outra pela mão do museu (independente do modelo conceitual: museus híbridos - como o exemplo real do Museu da Vida; ecomuseu de Manguinhos).

Os 4 eixos fundamentais que se baseiam a Museologia Experimental são as perspectivas:

1. Experimentações sociais com os patrimônios locais, observando as expertises culturais dos fazedores das culturas locais.
2. Pesquisa etnográfica, compreendendo que está inserida dentro da pesquisa qualitativa.
3. A necessidade do olhar descolonizado para as culturas, compreendendo o caráter híbrido, com escuta atenta para as especificidades locais em consonância com os seus processos históricos.
4. A leitura contextualizada, isto é, historicizada nos processos de musealização dos patrimônios locais culturais.



A Museologia Experimental não se deterá nos discursos dominantes, que geralmente não contemplam os interesses da maioria do coletivo. A própria experiência democrática de todos os moradores terem a possibilidade de narrar as suas memórias e histórias pela representação de um objeto, ou, uma manifestação cultural (a poesia da Dona Celeste; mocotó da Lausinha; militância em prol das crianças com paralisia cerebral da Norma; as pinturas do Bira nos muros; o rap do jovem Xandy – e todos os moradores que utilizam da estética e linguagem das Artes para resistir as violências simbólicas e reais do Estado tirânico brasileiro, e nesse processo de tessitura dos patrimônios culturais, as histórias e memórias de Manguinhos são registradas no território).

Entendemos que a Museologia desempenha a função de solidariedade, enfrentamentos das políticas que apontam para a privatização e desqualificação dos museus e das ações de cultura/ musealizações nos territórios. Assim, pretendemos contribuir com análises críticas e propostas concretas ao oferecer procedimentos metodológicos e a busca de soluções criativas sempre nos apoiando no processo de participação coletiva, afetiva e dialógica com os produtores e consumidores dos patrimônios. A metáfora do museu-escudo contra as narrativas dos modelos hegemônicos, um museu escudo que permita que as culturas, consideradas as “outras”, por pertencerem as saberes e fazeres diferentes do conhecimento hegemônico, e, por viverem em outro território marcado pelo direito de sair e não poder voltar as suas residências – “porque o a bala tá comendo solto” na favela – O pertencimento a outros códigos sociais, a constituição dos bens (materiais e imateriais) patrimoniais dos segmentos populares devem ser registrados na História- não uma História vista de baixo, mas uma História descolonizada, em que haja produções de epistemologias do Sul, do Sudoeste, Leste e Oeste.

A esperança que há possibilidades de transformações através da análise crítica do tempo presente, além de ter na formação de base a necessidade da pluralidade das identidades culturais no ensino descolonizado da História – ensino com partido com a democracia. Nos coloca o dever de casa enquanto historiadores, museólogos, professores, profissionais de museus, da cultura e da educação que é através da educação o *start* para a mudança. Neste sentido Paulo Freire, enquanto secretário de Educação do Estado de São Paulo, afirmou que a “escola não é o único espaço de educação, há outros espaços para a educação” – o museu e os outros aparelhos de cultura se inserem na



categoria. E o autor ainda comenta que: “ O futuro é algo que se vai dando, e esse se vai dando significa que o futuro existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fábrica o futuro; por isso, então, a história é possibilidade e não determinação”. Pág.90 (...) FREIRE, Paulo. Educação na cidade. Cortez,2005.

Desse modo consideramos que as novas¹⁶ configurações sociais, fabricam outras práticas de construção de saberes e fazeres nos territórios. A crise do modelo capitalista, durante o breve século XX(HOBSBAWN), a falência das fábricas (como ecomuseu de Creusout),e a atribuição de valores que a Museologia dedica ao patrimônio industrial/comercial que seria destruído. Mas torna-se preservado pela mão da musealização ao ser preservado. Provoca a Museologia a atualizar-se, a esgarçar o seu campo de visão, criando ou recriando novas lentes, para que principalmente as novas gerações possam se apropriar e através da apropriação cultural criar estratégias sociais contra hegemônicas – talvez uma ferramenta valiosa seja o museu-escudo.

Referências

BRULON, Bruno. Os mitos do ecomuseu: entre a representação e a realidade dos museus comunitários. *Musas (IPHAN)*, n.6, v. 7, p. 28-45, 2014.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: aeroplano, 2000.

DAVALLON, Jean. Le musée est-il vraiment un média, *Publics & musées*, n. 2, pp.99-123, 1992. p.108.

¹TORNATORE, Jean-Louis. *L'ethnologue et les musées : l'ethnologie comme expertise culturelle*. Communication présentée à la Commission permanente de la Mission du patrimoine ethnologique, 26 mai 1998. Texto datilografado.

¹⁶ Dependendo de qual perspectiva disciplinar nos debruçamos sob o fenômeno das favelas nas grandes cidades, conforme Licia Valladares a invenção da favela é consequência da modelo capitalista excludente da cidade.